

In Formação

Boletim do Núcleo de Psicanálise da CEIP

02

Editorial

03

O negro enquanto
Unheimlich

06

Fazer nada no atendi-
mento em psicologia que
conta com a psicanálise:
entre teoria e ética

09

Formação em psicanálise
no início do curso de psico-
logia: o tripé em questão

12

Entrevista com
Edson Sousa

20

Aconteceu em 2020



*“Furos no absoluto:
espaços, texturas, discursos e narrativas”*

APOIO: FIECX, CURSO DE PSICOLOGIA, CESH

Vivemos, desde março de 2020, a imposição de uma condição atípica de funcionamento social, que percorre desde os espaços íntimos até os contextos públicos e institucionais. A pandemia do Coronavírus e as consequentes prescrições de isolamento social provocaram uma urgência de reorganização no funcionamento das relações, atingindo diretamente as ações do Núcleo de Psicanálise, programa de extensão vinculado à Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP), da UFSM. Acompanhando as necessidades de nosso tempo histórico e dialogando com as demandas sociais e formativas implícitas neste contexto, surge a 16ª edição do Boletim (In)Formação. Nela o leitor encontrará escritos que buscam forjar brechas, fendas e texturas em saberes totalizantes a partir de estranhamentos, do que inquieta frente a discursos des-subjetivantes, buscando contornos à luz da ética psicanalítica.

No primeiro artigo, "O negro enquanto Unheimlich", Lucas Lazzarotto Vasconcelos Costa empreende uma análise crítica do racismo à luz do Unheimlich freudiano. No escrito "Fazer nada no atendimento em psicologia que conta com a psicanálise: entre teoria e ética", Thales William Borges Lindenmeyer tensiona a relação saber-verdade para pensar a demanda de atendimento clínico. Já no artigo "Formação em psicanálise no início do curso de psicologia: o tripé em questão", Letícia Bueno Pires testemunha o princípio do percurso de formação em psicanálise dentro do contexto universitário.

Por fim, esta edição apresenta a entrevista com o psicanalista Edson Luiz André de Sousa, elaborada por Gilvan Ribeiro e Vitória Cougo. Por meio desta interlocução, Edson auxilia a tecer construções narrativas que permitem dar forma e voz aos acontecimentos presentes, posicionando cada um enquanto sujeito da experiência. Nas suas palavras, também presentes no artigo "Por uma estética do atrito: a função utópica de um memorial" a prática psicanalítica desde Freud tem mostrado que podemos abrir novos horizontes se tivermos a chance de redesenhar nossas narrativas de vida.

Na seção "Aconteceu em 2020", registramos as ações dos projetos de extensão vinculados ao Núcleo de Psicanálise da CEIP, suas readequações no atual contexto, bem como espaços de formação e transmissão nos formatos de promoção de Eventos Clínicos e Seminários – com a participação de profissionais convidados. Registramos também as participações de membros do Núcleo em eventos acadêmicos e científicos, com apresentações de trabalhos.

Convidamos o leitor a somar-se nesses movimentos produtores de tensionamentos, na busca por palavras, imagens, cenas, sonhos e utopias, territórios simbólicos possíveis de se fazerem lampejos na travessia pela escuridão do nosso tempo.

(In)Formação: Boletim da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Curso de Psicologia, Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia. – N. 16 (dez. 2020) – Santa Maria, 2020.

Semestral
N. 16 (2020), "Furos no absoluto: espaços, texturas, discursos e narrativas"
Disponível em: <http://coral.ufsm.br/ceip/index.php/publicacoes>

1. Psicologia 2. Boletim 3. Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP). 4. Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) 5. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Ficha catalográfica elaborada por Luciano Rapetti CRB-10/2031
Biblioteca Central da UFSM

EQUIPE DO NÚCLEO DE PSICANÁLISE EM 2020:

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE EXTENSÃO DO NÚCLEO DE PSICANÁLISE
Amanda Schreiner Pereira

TÉCNICO ADMINISTRATIVO
Marlos da Fontoura Rodrigues

COMISSÃO EDITORIAL:

PSICÓLOGAS

Aline Bedin Jordão
Amanda Schreiner Pereira
Gabriela Oliveira Guerra

BOLSISTAS DO NÚCLEO DE PSICANÁLISE

Letícia Bueno Pires
Luiza Pires Roos
Thales William Borges Lindenmeyer

EXTENSIONISTAS

Gilvan Bitencourt Ribeiro
Lucas Lazzarotto Vasconcelos Costa
Vitória Rosa Cougo

DIAGRAMAÇÃO

Estevan Garcia Poll

IMAGEM DA CAPA:

"Nem tudo vê" - Luiza Pires Roos

CONTATO

NÚCLEO DE PSICANÁLISE

www.ufsm.br/projetos/extensao/nucleo-de-psicanalise/
E-mail: nucleodepsicanaliseceip@gmail.com

SECRETARIA DA CEIP:

E-mail: ufsmceip@gmail.com
Av. Roraima 1000, Cidade Universitária, Bairro Camobi,
Prédio 74-B, térreo. Santa Maria/RS. CEP: 97105-900.
Telefone: (55) 3220-9229

O NEGRO ENQUANTO UNHEIMLICH¹

Lucas Lazzarotto Vasconcelos Costa²

A definição de um sentido unívoco para o vocábulo alemão *unheimlich* parece, além de improvável, contrária ao espírito do artigo que Freud dedicou a ele em 1919. Toda a primeira parte do escrito é dedicada ao estudo das diferentes definições dicionarizadas do termo. No Brasil, os tradutores costumam se referir ao *unheimlich* como inquietante, infamiliar, estranho-familiar, estrangeiro, etc. Descobrimos com Freud que *heimlich* significa familiar, pertencente à casa, que lembra o lar; diz-se também dos animais domesticados. Por outro lado, é *heimlich* aquilo que é oculto, mantido às escondidas, secreto, místico (FREUD, 2010/1919). Ou seja, o termo *heimlich* pertence a dois campos semânticos alheios um ao outro; e *unheimlich* seria antônimo apenas do primeiro e não do segundo. Soma-se a isso uma definição que Freud sublinha particularmente, dada por Schelling: *unheimlich* é tudo aquilo que deveria permanecer oculto, mas apareceu.

Nos parece que a ambiguidade das ideias associadas ao *unheimlich* podem nos dar pistas sobre o lugar do negro na sociedade brasileira. Em resumo, gostaríamos de compreender como se deu a construção do negro enquanto estranhamente familiar, inquietante, estrangeiro. Há indícios de que as coisas são organizadas desta forma no Brasil; o mais significativo deles é que o negro comparece na cena social enquanto um objeto ansiógeno e fobógeno (FANON, 2008, p. 134). Contemporaneamente, fica cada vez mais evidente os esforços para exterminar a população negra, o que alguns casos exemplares têm pontuado enfaticamente. Fica claro, então, o emprego de uma noção fic-

cional do inimigo como base para o direito de matar (MBEMBE, 2019).

Unheimlich é tudo aquilo que deveria permanecer oculto, secreto, mas apareceu. Não seria este precisamente o lugar do negro na sociedade brasileira? Desejou-se esquecer a realidade histórica da escravidão, mas os corpos negros insistem em aparecer e denunciá-la. Não surpreende que toda a questão da raça seja percebida com um espírito de inquietação. Foram trazidos para o Brasil, como escravos, mais de 5,4 milhões de africanos entre 1501 e 1875 (SLAVE VOYAGES, 2019). Nascimento (1978) nos mostra que houve, e nós dizemos que ainda há, um esforço apaixonado, por parte de intelectuais e políticos, no sentido de dissimular este fato. O autor comenta extensamente os registros do projeto de branqueamento da população, alimentado pela crença delirante de que o “problema racial brasileiro” foi causado pelo negro. Exemplo desta tentativa de apagamento foi a “lamentável Circular N° 29, de 13 de maio de 1891, [...] a qual ordenou a destruição pelo fogo de todos os documentos históricos e arquivos relacionados com o comércio de escravos e a escravidão em geral” (NASCIMENTO, 1978, p. 49).³

É preciso ponderar, entretanto, que esta inquietante massa de pessoas pretas, que de fato formam a maioria da população brasileira, são estranhamente bem recebidas dentro do espaço social e doméstico-familiar, desde que ocupem os lugares certos. Não causa escândalo um negro na posição de garçom, de jardineiro, de empregada doméstica. A babá negra, por exemplo, chega tão perto do familiar que de fato passa para dentro da família e assume a função de mãe. Nas palavras de Lélia Gonzales:

1 Agradeço ao Henrique Müller, que há anos vem sustentando comigo estimulantes discussões sobre a psicanálise e a questão racial no Brasil, sem as quais este escrito não seria possível.

2 Acadêmico do curso de psicologia da UFSM e estagiário do Núcleo de Psicanálise da CEIP. Contato: lvclucas@gmail.com.

3 Há controvérsia quanto à interpretação deste ato. Enquanto Nascimento (1978) lamenta a destruição de importantes arquivos históricos, Lacombe, Silva e Barbosa (1988) entendem que se tratou de uma forma de impedir que os antigos senhores de escravos pleiteassem indenização junto ao Governo.

O que a gente quer dizer é que ela [“a mãe preta”] não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como querem alguns negros muito apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é, a gente pergunta: quem é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe prá dormir, que acorda de noite prá cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí afora? É a mãe, não é? Pois então. (GONZALES, 1984, p. 235).

Para além da questão da dialética estranho-familiar, há ainda outras características que tornam uma pessoa, coisa ou situação *unheimlich*. Uma delas é a dúvida de que um ser aparentemente inanimado esteja de fato vivo (FREUD, 1919/2010). É possível remeter esta ideia a fantasias que tocam o corpo e a sexualidade de homens e mulheres negros. Por muito tempo os negros foram considerados não humanos, o que justificava moralmente sua escravização, desterro e outras atrocidades: “dado que a vida do escravo é como uma ‘coisa’ possuída por outra pessoa, sua existência é a figura perfeita de uma sombra personificada” (MBEMBE, 2009, p. 132). A tentativa de integrá-los à sociedade não anula imediatamente a fantasia de que seriam seres sem alma, como objetos inanimados ou animais.

Assim, os negros são considerados apenas corpo (FANON, 2008), cabendo a eles os serviços físicos, sejam braçais ou sexuais. A mulher negra surge ora como a doméstica, “o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas”, ora enquanto a mulata, portadora de uma sensualidade extravagante (GONZALES, 1984, p. 230). Ao homem negro resta um destino semelhante. Sendo entendido como um símbolo fálico, portador de uma potência sexual alucinante, ele evoca no homem branco fantasias de castração

(FANON, 2008), o que, por sua vez, também é assinalado por Freud (2010/1919) como um atributo do *unheimlich*. Diz Fanon (2008, p. 139):

Ainda no plano genital, será que o branco que detesta o negro não é dominado por um sentimento de impotência ou de inferioridade sexual? Sendo o ideal de virilidade absoluto, não haveria aí um fenômeno de diminuição em relação ao negro, percebido como um símbolo fálico? O linchamento do negro não seria uma vingança sexual?

Feita a associação entre o *unheimlich* e o sexual, resta acrescentar, ainda, sua relação com a morte (FREUD, 2010/1919). Uma rápida consulta ao dicionário atesta que existe também uma nítida associação entre o significante negro e a temática da morte. Nascimento (1978) observou a violência das conotações negativas associadas ao significado da palavra “negro” no dicionário: “sombrio, lúgubre, tétrico, tenebroso, sinistro, mau, perverso, hostil, calamitoso, desastroso, mortal, maligno”. Em dicionários contemporâneos é possível observar coisa semelhante. O dicionário Michaelis, por exemplo, assim define “negro”:

1. Que tem a cor mais escura de todas, como o piche e o carvão; 2. Que se refere a pessoa de etnia negra; 3. Que não tem luz; completamente escuro e sombrio; 4. Que está encardido; preto; 5. Fig. Que é triste ou lúgubre; 6. Fig. Que anuncia infortúnio; nefasto; 7. Que inspira medo ou pavor; tenebroso; 8. Que revela crueldade ou sordidez; perverso. (MICHAELIS, 2015, sp.)

É evidente a significação pejorativa e francamente racista associada a esta palavra. Mas é possível observar, também, que seu campo semântico é construído através de alusões insistentes à ideia da morte, o que é particularmente bem manifesto pela identificação do negro ao lú-

gubre e ao funesto. E ainda, se a vida, a verdade e a graça divina são simbolizadas pela ideia de luz e de iluminação, o negro é precisamente o “que não tem luz, completamente escuro e sombrio”. A definição da palavra “negro” aproxima-se curiosamente do que Freud encontra a respeito dos termos *heimlich* e *unheimlich*: lúgubre, mal-assombrado, repulsivo, demoníaco.

À guisa de conclusão, é preciso assinalar ainda um outro efeito da construção do negro enquanto *unheimlich*, tão perverso quanto inevitável: a interiorização, pelos negros, do estranhamento racial. A infamiliaridade a respeito da realidade racial não poupa a constituição subjetiva dos próprios negros, que acabam se vendo como estranhos a si mesmos. Para Neusa Santos Sousa (1983), o paradoxo posto pela situação racial brasileira é o fato de que tornar-se gente, para o negro, significa assemelhar-se ao branco. Neste sentido, Nascimento (1978, p. 124) entende que há “inúmeros exemplos de negros e mulatos tão profundamente marcados por essa assimilação a ponto de manifestarem ódio à própria cor. Tentam exorcizar sua negrura usando os recursos da autoflagelação, mas só conseguem o autodesprezo”. Fanon (2008) discute amplamente este fenômeno, descrito por ele como a identificação do dominado com o dominador.

Procuramos assinalar, brevemente, algumas inquietações a respeito da questão racial no Brasil. O conceito freudiano de *unheimlich* serviu como ponto de referência privilegiado para esta investigação. Através dele, foi possível compreender o racismo à brasileira como um estranhamento e uma estranha familiaridade em relação ao negro. Quisemos demonstrar que este arranjo é alimentado por certas fantasias que colocam em questão a família, o corpo, o sexo e a morte. De forma que se afirma, novamente, a pertinência e a fertilidade da investigação psicanalítica sobre esse tema, inclusive na aposta em construções possíveis de reposicionamen-

tos subjetivos e deslocamentos do sujeito negro frente a estes lugares estruturalmente fixados.

REFERÊNCIAS

- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREUD, S. O inquietante. In: *Obras Completas*, v. 14: história e uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos [1917-1920]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1919), p. 238-376.
- GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20%20GONZALES%20%20L%C3%A9lia%20%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em 07 jan. 2021.
- LACOMBE, A. J.; SILVA, E.; BARBOSA, F. A. *Rui Barbosa e a queima dos arquivos*. Brasília: Ministério da Justiça; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.
- MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte e ensaios*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.
- NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- NEGRO. In: *MICHAELIS* moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/negro/>. Acesso em 08 jan. 2021.

SLAVE VOYAGES. *Tráfico transatlântico de escravos*. Disponível em <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>. Acesso em 21 jan. 2021

SOUSA, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FAZER NADA NO ATENDIMENTO EM PSICOLOGIA QUE CONTA COM A PSICANÁLISE: ENTRE TEORIA E ÉTICA

*Thales William Borges Lindenmeyer*¹

Alguém sofre. Esse alguém aciona suas relações. Conversa com familiares e amigos. Recebe “conselhos” muito “bem intencionados”. Sugestões de conduta construídas a partir de saberes adquiridos na experiência de vida daquele que se dispõe a emití-los. Esse alguém segue as sugestões. Transcorre um tempo e o sofrimento persiste. Tomado pela compreensão de que o sofrimento não foi extinto porque faltava rigor na constituição do saber que sustentava os conselhos, esse alguém passa a procurar um especialista. Algo cai na montagem da cena que estava sendo sustentada até então.

Ele vai direto na fonte mais segura: um médico. Encontra ali um saber refinado, ultracientífico, “validado”. Recebe um entendimento sobre o que se passa com ele, além de procedimentos/prescrições para chegar até a saúde adequada. Sai do atendimento com uma receita em mãos. Usa o medicamento. Passa bem por um tempo. Mas o sofrimento persiste.

Esse alguém reinicia sua procura. Agora deseja um especialista de outra ordem, na expectativa de que o novo providencie uma melhora. Encontra um psicólogo. Sem entender o porquê, esse alguém

novamente está contente com o saber que lhe é ofertado. Dizem que está radiante.

O tempo passa. Alguém aprendeu muita coisa. Mudou diversos aspectos de sua vida. Agora administra seu tempo, emoções, pensamentos, atividades. Está mais produtivo do que nunca. Mas, certo dia, por descuido, andava distraído em uma tarde de domingo. Reparou no movimento de uma folhagem que balançava com o vento. E o sofrimento persistiu.

Esse alguém pena mais um bocado. Até que um dia ouve notícias de um outro que oferece escuta. Confuso, pois escuta podia encontrar com (ou em) qualquer pessoa, mas ao mesmo tempo cansado e sem saber o porquê, resolve procurar esse outro. Sem muitas palavras o atendimento é marcado.

Esse alguém resolve falar. Conta tudo que aprendeu nas diferentes esferas da vida social. Os saberes de familiares, amigos e especialistas ocupam boa parte do tempo de atendimento. Conta das coisas que leu, tece críticas, coloca o pensamento para funcionar com admirável maestria. E esse outro não responde com um saber totalizante. E ao não fazer isso, esse alguém percebe a reação como um “fazer nada”.

Mais tempo transcorre. Não se sabe quantas sessões. Quando fala do atendimento para conhecidos, ele diz que esse outro não faz nada, não lhe responde.

Em uma bela manhã de céu azul, esse alguém reúne coragem. A primeira coisa que diz para esse outro é que ele não faz nada. Esse outro pontua que é importante que ele se autorize a livremente falar, que será acompanhado nisso, e que se for de seu desejo, poderiam terminar os atendimentos.

Ambos, sem saber o porquê, esperam. Até que esse alguém passa da espera para a hesitação. E resolve falar desde um outro lugar, não mais na espera de uma comunicação, mas sim de sua própria implicação em se escutar.

¹Estudante de Psicologia, bolsista FLEX 2020 pelo projeto “Atendimento e Tratamento Psicológico”, vinculado ao Núcleo de Psicanálise da CEIP/UFSM.
Contato: thales.lindenmeyer@gmail.com

Em tempos de pandemia vivemos a efervescência de transmissões de saberes e “ideais” de práticas de si para a obtenção de um modo melhor, mais saudável e refinado de existir. Uma figura notável que ilustra esse processo é o *coach*². Ao mesmo passo, temos escutado de quem atende na clínica que a procura está cada vez maior, e que nunca se soube tão pouco sobre o próprio sintoma. Nos parece ocorrer algo aí entre a incitação aos discursos por meio de saberes, a ausência de saber algo de si e a demanda pela clínica.

A alegoria que abre este escrito cumpre função simples: dar contornos para um virtual. A ficção falha em contar uma verdade³, mas dá matéria de expressão para excertos de experiência e pensamento sobre um conflito contemporâneo. Sabemos da relação entre verdade e falta. Pretendemos dissertar sobre esta questão que nos parece fundamental para a construção de entendimento dos que pretendem contar com a psicanálise para o atendimento em psicologia: escutar é fazer nada⁴?

O movimento do personagem “Alguém” foi em direção a um saber totalizante. Queria uma conduta, uma prescrição, uma produção de identidade. Começou do mais próximo e foi até o mais científico, para desembocar na situação em que foi escutado por “esse outro”. Em uma formação em psicologia somos apresentados a diversas modalidades de pensar, pesquisar e “saber-fazer” a clínica. Importantes deslocamentos produzidos por movimentos sociais como a reforma psiquiátrica têm colocado em xeque a hierarquia entre os saberes dos especialistas e dos usuá-

rios. É possível divagar que nunca na história tivemos tantos saberes coexistindo.

A procura por atendimento também é atravessada por essa dinâmica. Proliferam-se perfis em redes sociais com psicoterapeutas explicando as minúcias de seus paradigmas, teorias e técnicas, a partir de um entendimento de quão mais explícito estiver o funcionamento de seu discurso e de sua prática, mais chances ele terá de ser assimilado e aceito. Ou seja, vende-se a ideia de que é o excesso de saber que pode salvar o sujeito de suas mazelas. Mas e a psicanálise, como fica nesse cenário?

É sabido que psicanálise e psicologia são coisas que não coincidem, que conversam com uma certa cautela. A psicologia, comprometida com a razão ocidental, bem aceita no meio acadêmico e tendo seu exercício profissional regulamentado pelo Estado, tem ressalvas em articular algo com a psicanálise. Esta última não é regulamentada (nem parece se ocupar desse intento), e não corresponde às mesmas pretensões epistemológicas de compreensão e produção de conhecimento da academia. Um caminho comum para tal discussão são os clássicos “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?” (FREUD, 2010/1919) e “Über eine Weltanschauung” - sobre uma visão de mundo - (FREUD, 1990/1933). Neste último texto somos apresentados a discussão sobre as teorias. *Theo*, do grego “Deus”, aponta para o anseio de atingir uma totalidade acerca de um campo de conhecimento. Nosso interesse é pontuar que existem diferentes concepções do que seria psicanálise(s). Além disso, algumas concepções colidem frontalmente com outras. Não há consenso sobre a psicanálise ser uma teoria.

A psicanálise pode ser entendida como um conjunto de considerações e concepções que auxiliam na condução de determinados modos de estabelecer conexões entre elementos/significantes.

2 Psicanalistas de grande repercussão midiática como Christian Dunker, Maria Rita Kehl e Maria Homem tem afirmado veementemente que o fenômeno *coaching* é uma espécie de oposto da psicanálise, na medida que o primeiro não suporta a matéria que dá existência ao trabalho do segundo — o trabalho com a falta.

3 Aqui cabe lembrar que Lacan formula que a verdade tem estrutura de ficção. Esse tema pode ser encontrado no Seminário Livro 4: a relação de objeto.

4 A reflexão sobre o fazer nada na clínica foi disparada em comunicações com o ex-professor e psicanalista Luis Fernando Lofrano de Oliveira.

Por outro lado, o fim de uma análise pressupõe justamente um certo esvaziamento de sentidos, a “queda” do sujeito suposto saber. Em sua teoria dos quatro discursos, Lacan (1992/1969-70) versa sobre o discurso psicanalítico sustentar a posição de objeto/semblante que faz silêncio para que mobilize o sujeito a falar. Esta compreensão enquadraria a psicanálise enquanto uma ética, tendo suas concepções como artifícios de orientação tal qual uma bússola, orientada pela verdade do desejo⁵. Além disso, na condição de ética, a psicanálise se aproximaria do pensamento de alguns autores da filosofia da diferença⁶.

Levando em conta essas peças de entendimento, atentos para a multiplicidade de leituras e estilos clínicos, podemos afirmar que há um saber “cartográfico” que, como dito anteriormente, coloca a psicanálise mais próxima da condição de ética do que de teoria. Quando “esse alguém” se dispõe a escutar, não respondendo com um saber totalizante, é preciso notar a diferença entre saberes. Assim, não é nossa intenção travar um combate contra o saber, mas sim levantar questões com relação ao que se pressupõe totalizante no atendimento que conta com a psicanálise. Um saber totalizante encerra as possibilidades do sujeito falar algo de si. Produz identidade. Induz condutas. Dá respostas, atende a essa demanda pelo instantâneo. A escuta, essa modalidade de direcionar o encontro clínico que produz estranhamento no personagem, por sua vez, contará com a aposta no sujeito

5 O que, em divergência ao que foi apontado na citação anterior, não precisa se concretizar como função apenas através de precisão conceitual (que pressupõe existência de uma teoria), mas sim do estabelecimento de uma etologia, da pergunta sobre os limiares e limites de potência de um corpo em que ele prevalece sendo este corpo.

6 Como escrevem Deleuze e Guattari (2010) sobre a esquizoanálise, entendida não como teoria, mas como ferramenta crítica, e por alguns comentadores, ela é tomada como uma ética. Ainda que próximas a partir do deslocamento da condição de teoria, esquizoanálise e psicanálise seguiram distantes em função do comprometimento com problemas muito distintos do pensamento ocidental, que é a oposição entre a filosofia positiva e negativa, tendo como representantes, respectivamente, Espinosa e Kant. Um exemplo dessa distância é o enunciado deleuzo-guattariano “ao desejo nada falta”.

e na possibilidade da construção de uma verdade de si. E para tanto não há protocolo, manual ou necessidade de produzir um todo, como é o caso de uma teoria.

Parece, contudo, que o silêncio que constitui a não antecipação ao sujeito não se trata de fazer força, de um mutismo. Esse silêncio pode se efetivar em uma fala que se reserva a não fazer o trabalho do analisando, mas acompanhá-lo em seu processo, o de produzir/ressignificar/esvaziar sentidos. Fala esta que, ao não ter a tônica de um saber totalizante, é interpretada pelo personagem como um fazer nada.

O atendimento que conta com a psicanálise seguirá sendo requisitado. É sabido por diferentes profissionais que embora sejam crescentes e hegemônicas as vias discursivas que disputam a clínica como um espaço de aplicação de um saber, a psicanálise, em suas ambiguidades, sendo teoria ou não, continua sendo procurada, e talvez mais do que nunca. Neste cenário, a proliferação de saberes pode tratar o dizer em vão e a experiência como ruídos e empecilhos para o trabalho. O que nos parece adequado: sustentar o debate. Fanon (2008/1952, p.38) nos escreve: “se o debate não pode ser aberto no plano filosófico, isto é, no da exigência fundamental da realidade humana, consinto conduzi-lo no plano da psicanálise, ou seja, no plano da existência dos ‘falhados’ [raté]”.

Neste escrito buscamos explorar as condições para o exercício da clínica a partir de um posicionamento frente o lugar da psicanálise e sua relação com o saber, na medida em que sua suspensão é lida pelo social como “fazer nada”. Buscamos trazer pistas para a fundamentação do debate entre rigor teórico (articulado então com saberes), e improvisado⁷, que parte de um ato de suspensão de pensamento e sua consequente inquietação com a possibilidade de o trabalho clínico ser um

7 Podemos encontrar pertinentes considerações acerca dessa inquietação no texto de “Reinventar a prática” (JORGE, 2017). A articulação entre improvisado e clínica também foi abordada no trabalho de conclusão de curso do autor do texto.

“fazer nada”. Este parece-nos um dos nós que permitem o início de um percurso. Enlace que nos mobiliza a olhar para o que acontece em uma situação como a ficção que abre este escrito. Pensando com os personagens da ficção supracitada, algo se passa com “esse alguém” que, diante de seu próprio direito de interromper o atendimento perante a constatação de que aquele que escuta nada faz, resolve falar. E, ao falar, sua travessia começa a operar efeitos. Um caminho sem volta.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010. Tradução de Luiz B. L. Orlandi.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008/1952. Tradução de Renato de Oliveira.
- FREUD, S. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In: Sigmund Freud Obras completas. V. 14. *Freud (1917-1920) “O homem dos lobos” e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010/1919. Tradução de Paulo César de Souza.
- _____. Über eine Weltanschauung. In A. Freud (Ed.) *Gesammelte Werke*. V. 15, pp. 170-197). Frankfurt am Main: Fischer. 1990/1933. 1990. p. 170-197.
- JORGE, M. A. C. Reinventar a prática. In: *Fundamentos da psicanálise de Freud à Lacan*, V. 3. 1.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- LACAN, J. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995/1956-57.
- _____. *O seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992/1969-70.

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE NO INÍCIO DO CURSO DE PSICOLOGIA: O TRIPÉ EM QUESTÃO

Letícia Bueno Pires¹

O encontro com a Psicanálise, no início da formação acadêmica em Psicologia, é inquietante² e desencadeia inúmeros questionamentos. Por vezes, parece que se alcança alguma noção dos conceitos e, em outros momentos, parece que tudo escapa às possibilidades de apreensão. Na medida em que me aproximo e me aproprio da teoria (e a teoria vai se apropriando de mim), o percurso desperta angústia e desejo ao mesmo tempo. Isso se relaciona com as identificações que comumente ocorrem nesse processo - o sujeito transforma o conhecimento teórico em saber, a partir da experiência vivida, calcada no seu inconsciente. Esse estranhamento familiar com a Psicanálise evoca-me para um auto (re)conhecer, decorrente das questões suscitadas pelas leituras, pelos seminários teóricos e pelas discussões em grupo que estive inserida, residindo nesse lugar a importância da análise pessoal a todos que fazem essa mesma aposta.

Pensar a Psicanálise na universidade implica em diferenciar ensino e transmissão. O ensino envolve sempre um conhecimento a ser repassado, pressupõe uma verdade em relação ao objeto estudado (numa visão positivista). Nesse sentido, muitas vezes o professor ocupa o lugar de “mestre”, como aquele que detém o saber, e o acadêmico situado num lugar passivo, onde nada sabe, e que precisa ser “preenchido” por conhecimentos. Divergindo dessa concepção, pensa-se o lugar da transmissão em Psicanálise. A

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da UFSM. Bolsista FIES do Projeto de Extensão “Eventos Clínicos” do Núcleo de Psicanálise, vinculado à Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP) da UFSM. E-mail: leticia1995bueno@gmail.com

² (*Das Unheimliche*). Este termo faz alusão aos efeitos estranhos e familiares que a Psicanálise produz em mim. Refere-se à obra de Freud “O inquietante”, “Estranho familiar” ou “Infamiliar” (1919/2019).

partir de um lugar de sujeito-suposto-saber ocupado pelo “professor-analista”, a transmissão acontece pela produção dos efeitos da própria experiência psíquica, e sendo contemplada aí a dimensão da falta, do não preenchimento. A transmissão desperta o desejo de saber, sobre si, sobre o outro, sobre o que se passa no processo analítico.

Freud (1919/2010), o criador da Psicanálise, postula que há três pilares fundamentais e primordiais para formação do analista: teoria psicanalítica, análise pessoal e supervisão. Com isso, partindo dessa concepção, pode-se afirmar que não se ensina Psicanálise na universidade. A formação se dá pela travessia de cada um, singularmente, ao percorrer esse tripé. Para Freud, nas instituições aprende-se *sobre* Psicanálise, e não *de* Psicanálise, justamente porque o processo do saber se constitui na falta. E, nesse constructo, a lógica do ensino tradicional universitário escapa e não sustenta as condições necessárias para o fazer psicanalítico. Nessa perspectiva, espaços formativos complementares - como o Núcleo de Psicanálise da CEIP - contribuem para a busca (ou tentativa) de saberes que possam subsidiar a minha formação, proporcionando meus passos iniciais nessa complexa construção.

Ao me defrontar com as questões que envolvem ensino e transmissão da Psicanálise na universidade, a teoria foi o primeiro fundamento com o qual me deparei. As leituras de Freud e de Lacan, somadas aos eventos clínicos e às aulas, ressoam como fontes indispensáveis de enriquecimento no processo formativo que estou constituindo. O tempo inicial da minha travessia no Núcleo de Psicanálise produz (e)feitos que sinalizam, a cada imersão, a identificação que essa teoria reflete na minha jornada. Os seminários teórico-clínicos abriram um emaranhado de sensações/afetos, com cada temática que era abordada e, com isso, a vontade era de abarcar tudo que chegava até mim,

mas percebi o quão importante é respeitar o meu processo de formação, o meu tempo, o qual diz sobre o percurso que estou vivenciando. É imprescindível ressaltar que a graduação não irá subsidiar todo o aporte teórico-prático que se imagina inicialmente, haja vista que a formação constitui-se *a posteriori*, conforme menciona Calligaris:

[...] nem o psiquiatra nem o psicólogo clínico se formam para serem psicoterapeutas. Se você quer ser psicoterapeuta, o essencial de sua formação acontecerá depois da faculdade ou, quem sabe, durante seus estudos. De qualquer forma, se dará fora da academia. (CALLIGARIS, 2019, p. 98)

O percurso teórico, na formação em Psicanálise, não se refere essencialmente ao tempo cronológico³, pois o tempo é singular ao processo de cada estudante-analista. É preciso debruçar-se nos questionamentos que emergem do contato com a teoria e a clínica psicanalítica e sofrer os resultados que a transmissão da Psicanálise evoca (CUMIOTTO, 2005). Com este olhar, percebi que a formação em Psicanálise se refere à construção de uma certa autorização que se dá ao percorrer todo o processo pautado no tripé - teoria, supervisão e análise pessoal. Ao ingressar no curso de Psicologia e iniciar o contato com a teoria psicanalítica, surgiram incontáveis movimentos de busca por novas (im)possibilidades que os efeitos de formação podem proporcionar para a minha prática, diante do “mergulho” nos riscos e nas descobertas que a Psicanálise permite.

Outro ponto importante é a análise pessoal, visto que se trata da experiência com o que é da ordem do inconsciente. A análise traz à tona a percepção de que ninguém é senhor na própria morada e que é nesse processo que a formação te-

³ Lacan introduziu uma reflexão sobre o tempo lógico, deixando de submeter às sessões o tempo cronológico, pois a análise do sujeito se encontra no tempo lógico do inconsciente e não externo a ele.

órica se apresenta como saber. O acesso à verdade do desejo é fundamental na formação. Afinal, pode-se ter o estudo da teoria e não construir um saber próprio sobre ela. A análise permite suportar⁴ o estilhaçamento do espelho que tínhamos da nossa infância ideal, quando passamos a nos deparar e sustentar o real. Com isso, altera-se o modo de se relacionar com a falta. Conforme Pereira (2018): “numa posição discursiva ímpar, o agente que enuncia a Psicanálise desde sua própria experiência com o inconsciente é capaz de produzir transmissão e instigar desejo pela escuta das formações do inconsciente”. Entende-se que ser “psicanalisante” é um processo difícil, que exige desejo de saber sobre seu inconsciente, embora seja desolador e angustiante bancar questões que desvelam e sustentam os nossos sintomas.

Ainda, como parte do tripé em questão, a supervisão assume um papel valioso na formação do analisando, sendo possível encontrar subsídios teóricos e construções clínicas para analisar questões que emergem do atendimento na clínica-escola, bem como auxiliar nas demandas trazidas a partir da escuta dos estudantes-analistas. Além das discussões que atravessam a articulação da clínica com a teoria, a supervisão também perpassa as manifestações subjetivas de cada sujeito em processo de formação em Psicanálise. Afinal, estar diante do olhar do Outro supõe um saber que não se sabe e que se produz na relação transferencial, por isso, é preciso enlaçar teoria, análise pessoal e supervisão, porque é na articulação do tripé que as inquietações do percurso se apresentam para o sujeito em formação, residindo nisso a dimensão dos atravessamentos que emergem dessa busca.

Nesse sentido, nos primeiros contatos com a Psicanálise, a supervisão passa a ocupar outro lugar: um “suporte”. A partir de uma analogia, o Núcleo de Psicanálise da CEIP é um espaço que se propõe a de-

envolver - além de estágios - discussões teóricas entre pares. Esses momentos, para estudantes que ainda não estagiam, podem ser vistos como enriquecedores e agregadores, que se alinham ao terceiro fundamento do tripé freudiano no início do processo formativo⁵. Também o contato com psicanalistas antes, durante e depois dos eventos clínicos tecem, para mim, uma base inicial fundamental de supervisão, permitindo que eu possa inserir angústias, questionamentos e percepções, até mesmo provocar mais inquietações, a partir do que me deparei, considerando teoria e análise pessoal, que fazem parte da minha formação desde os primeiros meses no curso de Psicologia. O tripé precisa caminhar junto na experiência psicanalítica.

Em muitas das escutas dos profissionais que integraram os espaços teórico-clínicos do Núcleo, senti desconforto por não compreender algumas considerações, por outro lado, isso me instigou ainda mais aos estudos da Psicanálise, porque compreendi que o entendimento segue uma temporalidade singular. Ainda, isso funciona muitas vezes como propulsor para as buscas, as pesquisas, instigando o movimento desejante de avançar nesta formação. Além disso, considero que a característica mais fascinante na Psicanálise é a constante busca daquilo que escapa, porque os efeitos só se dão na medida em que avanço com a experiência das formações do meu inconsciente e como sustento as descobertas do meu desejo. É ter resposta e ao mesmo tempo não ter. É ter um saber e não reconhecer. É um autorizar-se que desconforta.

O lugar de estudante, na aproximação inicial com o campo da Psicanálise, está sendo costurado conforme a auten-

4 Conforme (o seu) andamento da análise.

5 Esta troca entre pares aponta para o conceito de transferência de trabalho, introduzido por Lacan como um quarto pé na formação psicanalítica. Neste trabalho essa questão não será aprofundada, mas indica-se a leitura da “Ata de fundação” da Escola da Causa Freudiana, de 1964, em que Lacan propõe que: “O ensino da psicanálise só pode se transmitir de um sujeito a outro e isso pela via de uma transferência de trabalho” (Lacan, 1964/2001).

ticidade do meu desejo. A densidade teórica que se apresenta, deixa-me inquieta, mas persistente para buscar entendimentos ou mais dúvidas. Isso implica reconhecer a travessia que estou construindo, a realidade que se apresenta dentro das instituições e a busca pela configuração da transmissão da Psicanálise, partindo das interlocuções entre teoria, análise pessoal e supervisão. E nesse processo sempre haverá restos... A passagem singular de cada acadêmico vai constituindo um estilo próprio. Ainda estou produzindo este efeito da formação em mim e, talvez, siga ressignificando formas de me colocar e de situar a Psicanálise. O insabido, aquele que é “estranho”, articula-se a essa minha “dupla” afetação frente à clínica e à Psicanálise: angústia e conforto, inquietantemente familiar.

REFERÊNCIAS

- CALLIGARIS, Contardo. *Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*. 5 ed. São Paulo: Planeta, 2019.
- CUMIOTTO, Carla Regina. A transmissão e o ensino da teoria psicanalítica: efeitos informativos ou formativos no percurso da formação. *Onde fala um analista*. Porto Alegre: APPOA, v. 12, n. 29, p. 57-66, dez. 2005. Semestral.
- FREUD, Sigmund. *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* In: _____. *Obras Completas*, vol. 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1918-19], p. 377-381.
- FREUD, Sigmund. *O infamiliar*. [Das *Unheimliche*]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019 [1919]. (Obras incompletas de Sigmund Freud; 8).
- PEREIRA, Amanda Schreiner. *Ensina-se psicanálise na universidade?* *Correio da APPOA*. Porto Alegre: APPOA, 282 ed., nov. 2018. Disponível em: <http://www.appoa.org.br/correio/educacao/282/sumario/645>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- ### ENTREVISTA COM EDSON LUIZ ANDRÉ DE SOUSA¹
- Gilvan Ribeiro² e Vitória Cougo³*
- [...] nosso desafio é encontrar palavras depois da destruição. Retornar para perto dos escombros e ir pacientemente tentar ler as cinzas que ainda ardem. Compromisso que temos de testemunhar o que dizem estas bocas de cinza, que tentam deixar rastros, resistindo ao apagamento e assim, nos ajudando a reorientar nossa navegação”⁴.*
- 1. Edson, em seu artigo “Por uma estética do atrito: a função utópica de um memorial”, material potente que sustentou sua fala no 13º Encontro Clínico da CEIP, você resgata a importância dos Memoriais como uma forma de saudar o amor à verdade e a história na cultura. Pensando no contexto de pandemia que vivemos desde o último ano, marcado pela invisibilidade do que nos amedronta - o vírus - e a invisibilização que sustenta as posturas negacionistas, que fazem com que sufoquemos o caos experienciado, como você acredita que será possível memori(ar)?**

1 Professor titular do Instituto de Psicologia UFRGS, analista membro da APPOA, doutor e pós-doutor pela Universidade de Paris VII e EHESS (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais) – Paris.

2 Acadêmico do Curso de Psicologia da UFSM.

3 Psicóloga pela UFN e Mestra em Psicologia pela UFSM. É psicóloga extensionista do Núcleo de Psicanálise da CEIP/UFSM. E-mail: vitoriapsico13@yahoo.com.br

4 SOUSA, E.L.A. *Por uma estética do atrito: a função utópica de um memorial* Revista de comunicação e linguagens. Lisboa. No. 52 (2020), p. 37-48.

Estamos efetivamente com a memória asfixiada e gostei da formulação de vocês ao adicionar o ar a palavra memória. Quando os registros, as marcas e os traumas que guardamos de nossa história são apagados não perdemos só o passado, mas também o futuro, já que repetiremos com muito mais facilidade o já vivido. Foi isto que nos mostrou Sigmund Freud ao colocar em primeiro plano, em sua teoria, o conceito de compulsão a repetição. Nosso desafio é como interromper este automatismo de repetição que nos faz retornar sempre ao mesmo lugar. A palavra “memoriar” proposta por vocês nos dá uma pista pois ao propô-la como um verbo no infinitivo são todos os tempos que estão ali em potencial. O infinitivo aguarda o tempo da conjugação que virá. O Brasil carece de memoriais. Temos uma história traumática viva da ditadura civil-militar de 21 anos que deixou muitas marcas em tanta gente ainda pulsando como um bafo de porão nas entrelinhas do que vivemos hoje no Brasil. Como é possível conceber que um deputado federal em pleno Congresso Nacional possa ter elogiado publicamente um torturador e este mesmo deputado vir a ser eleito, pouco tempo depois, presidente da república? Certamente estamos diante de uma ferida na memória coletiva. Portanto, para memoriar, vamos precisar abrir arquivos, construir memoriais, investir na educação para que estas histórias sejam transmitidas a todos, recuperar e reinstaurar a Comissão Nacional da Verdade que fez um trabalho impressionante de reconstituição desta história, ouvindo vítimas e familiares de pessoas torturadas e desaparecidas. Todo este material é hoje de acesso público, mas precisa ser novamente visibilizado para que mais pessoas possam ler estes capítulos censurados da história do Brasil. Muitos trabalhos tem sido feitos nesta direção: publicações, seminários, filmes. Entre os filmes que vi recentemente e que me marcou especialmente é o documentário de Carol Benja-

min “Fico te devendo uma carta sobre o Brasil”. Um filme que insiste em contar uma história silenciada, sensível e doloroso ao mesmo tempo. Quando vejo um filme destes uma esperança se abre.

2. Além da especificidade do cenário político brasileiro diante da pandemia, governado por líderes que parecem orientar-se pelo que o filósofo Achille Mbembe nomeou por Necropolítica, nos parece que a pandemia revelou intensamente as múltiplas perspectivas possíveis de enfrentamento de um cenário de morte generalizado, bem como a complexa alienação dos sujeitos mercantilistas diante da fragilidade humana. Nesse sentido, com que elementos/insígnias você constrói a imagem do Brasil num “naufrágio para dentro do coração das trevas”?

Este naufrágio no Brasil já vem acontecendo há muito tempo, na medida em que não conseguimos ainda nos livrar dos traumas e legado da herança colonial e de uma história que viveu e vive sob o espectro de um racismo que sustentou por muito tempo uma lógica de escravidão. Achille Mbembe chama muito atenção para esta herança colonial que instituiu justamente um poder de dizer quem pode viver e quem deve morrer. Este legado está mais vivo do que nunca neste tempo que vivemos. Chamo atenção para um fragmento do ensaio que vocês mencionam de Mbembe, no qual ele tenta pensar sobre as raízes da inimizade. Escreve ele: “Examino essas trajetórias pelas quais o estado de exceção e a relação de inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar. Em tais instâncias, o poder (e não necessariamente o poder estatal) continuamente se refere e apela à exceção, à emergência e a uma noção ficcional do inimigo. Ele também trabalha para produzir a mesma exceção, emergência e inimigo ficcional.” A necropolítica parece organizar esta maqui-

naria de extermínio e estamos vendo isto de forma escancarada nesta pandemia. Embora o vírus esteja em cena para todos nós, as estatísticas das mortes são claras em nos mostrar que são os mais vulneráveis que morrem e muitos sem a chance de recursos hospitalares que, como sabemos, entraram em colapso. Em um momento em que a palavra chave deveria ser “vacina” vemos movimentos do governo federal de liberação de acesso a compra de armas, aliás um dos motes da campanha do atual presidente. Esta imagem ficcional do inimigo se inscreveu no imaginário popular de forma absurda, reavivando um discurso contra a esquerda que já conhecemos tão bem na história do Brasil e do mundo. A imagem clichê de fazer da mão uma arma é para mim a imagem mais contundente deste naufrágio para dentro do coração das trevas. Lembro sempre da fotografia de uma criança por volta de 4 anos de idade, no colo do então candidato, sendo instruída a fazer de seus dedos um dos símbolos de morte desta campanha. Acho que nem Joseph Conrad, autor do romance “Coração das Trevas”, que inspirou Francis Coppola a filmar *Apocalypse Now*, teria imaginado cena tão assustadora.

3. Você propõe, em seu artigo, uma ação estético-política de esburacamento das lógicas discursivas totalitárias, fazendo-nos refletir na textura lisa que estas assumem, como também sua incapacidade de proporcionar atrito. Neste sentido, você considera possível pensar o atrito como condição fundamental para a manutenção dos espaços de democracia e alteridade? Além disso, pensando nas vicissitudes que as interações sociais sofreram, devido a virtualização excessiva dos encontros por causa da pandemia, você entende que esta ‘lisura’ é potencializada negativamente?

Esta pergunta me faz pensar um fragmento de um verso do poeta Manoel Ricardo de Lima publicado no seu último livro “O método da exaustão”. Escreve ele:

*“...a força da existência sem / mundo fixo,
contra a frase / feita, a todos os lados que/
impõe a vida como/ mapa, modelo, carto-
grafia e/suas formas abissais de/ resistên-
cia: isto que/não é nada, nunca é/ nada...”.*

Vemos neste fragmento poético uma imagem desta lógica totalitária que tenta impor a todos um modelo, um mapa, um manual de instruções, leis para orientar o viver, não tolerando absolutamente nada que possa fazer tensão a estas instruções. De alguma forma, alisar a textura do discurso é aparar as arestas daquilo que viria a fazer buraco nestes absolutos. Vemos por todo o lado uma fúria do estado em “tentar” atacar os que pensam diferente, nomeando-os como inimigos da nação. Em parte, conseguiram isto com uma disseminação inacreditável de *fakenews*, instituindo um clima de incerteza em relação ao estatuto de verdade daquilo que vemos e ouvimos. O negacionismo absurdo que se disseminou como um vírus letal para muita gente é uma imagem contundente do que estou dizendo. Reli recentemente o clássico ensaio de Etienne de la Boétie, escrito no século XVI, intitulado “Discurso da Servidão voluntária”. Ali encontro elementos importantes do que estamos vivendo no Brasil. A imagem do atrito seria sim este espaço da crítica, que, como sabemos, é o único lugar em que efetivamente se pode trazer um pouco de liberdade ao pensamento. Não acredito que a virtualização, em si, seja responsável por este apagamento dos atritos. Vejo em muitos espaços virtuais movimentos de pensamento, construções de conhecimentos, troca de informações, fóruns de debates que abrem caminhos. Os espaços lisos, em que se “compra” sem crítica o discurso de um outro, é o terreno fértil para o que o psicanalista Mauro Mendes Dias nomeou como o Discurso da Estupidez.

4. Na mesma via da última pergunta, pensando que o desmentido é a forma de escamotear a incidência da lei das montagens perversas para a psicanálise, e que as mesmas carecem, justamente, do atrito, haja visto que é característico deste funcionamento a incapacidade de retificação e, considerando que vivemos em um momento histórico político em que líderes sustentados em tais estratégias são amplamente eleitos: como você acredita que a psicanálise possa resistir e/ou subverter na fissura deste cenário político que parece enferrujar nossa abertura para o diálogo?

Pergunta fundamental, pois nos coloca a pensar sobre como fazer frente a esta enxurrada perversa de atacar nossas percepções e nossa condição de pensar. Escrevi recentemente um breve artigo que intitulei “A vacina que precisamos” e que foi publicado no site Psicanalistas pela Democracia. Faço menção ali ao filme de George Cukor de 1944 intitulado “Gaslight”, onde um marido cria situações de manipulação com sua esposa fazendo-a acreditar que estava enlouquecendo: esconde objetos dela e a acusa de perda de memória, a assusta com sons noturnos, colocando permanentemente em dúvida a leitura que ela faz da realidade. Vamos chamar estes atos pelo nome: se trata de abuso. Certamente a psicanálise tem um papel importante para enfrentar e pensar estas situações, mas seu alcance crítico no cenário político ainda é reduzido. Contudo, tem sido fundamental vermos muitos psicanalistas e instituições psicanalíticas se posicionando abertamente e criticamente em relação ao que estamos vivendo. A psicanálise coloca em cena uma radicalidade da ética da palavra e não pode tolerar estes mecanismos perversos do poder. Teremos muito trabalho pela frente.

5. Aprisionamento e isolamento são significantes que emergiram intensamente no discurso social desde março deste ano, trazendo à tona a ‘forma clausura’ de estar no laço social, com uma boa pitada de real. Aproximando tal constatação à ideia dos Memoriais, você compartilha da proposição de que as prisões brasileiras podem ser entendidas como memoriais de mortos-vivos ou, ainda, “bocas de cinzas”? Além disso, tendo em vista as movimentações sociais, inclusive psicanalíticas, que buscam proporcionar espaços de testemunhos à sujeitos que vivenciaram acontecimentos históricos traumáticos, tais como o Holocausto na Europa e a Ditadura Militar no Brasil, por que você considera que há uma ausência de movimentações que prezem por testemunhar e/ou remexer na experiência abismal da população prisional do Brasil?

Vocês devem se lembrar dos acontecimentos de 2016 em várias penitenciárias no norte e nordeste do Brasil onde vimos presos em situações precárias entregues à própria sorte em disputas de facções que resultaram em dezenas de mortes. Vimos cenas chocantes e inaceitáveis, pois estas pessoas estavam ali sob os cuidados do Estado. Temos outra marca viva na memória que é Carandiru, com o assassinato de 111 presos. Estes espaços deveriam sim ser reconstruídos como memoriais, mas que permitissem uma leitura crítica não só do sistema prisional mas da história de violência e desigualdade de nosso país. As prisões, da maneira como funcionam, não cumprem esta função de fazer marca na história, pois não permite um lugar efetivo para o testemunho. Para que possamos construir um memorial precisamos fazer valer estas experiências. Lembro de um filme que me marcou especialmente, dirigido por Tatiana Sager: “Central”. Nele, ela narra com

muitos detalhes a lógica de funcionamento do Presídio Central em Porto Alegre. Assustador! Aproveitando aqui o tema dos memoriais, um dos lugares que precisaria urgentemente ser reconstruído e transformado em museu é a Usina de cana de açúcar “Cambahyba”, em Campo de Goitacazes no Rio de Janeiro. Ali foram incinerados vários corpos de presos políticos durante a ditadura civil-militar no Brasil. Todo este material, inclusive com imagens, está disponível nos relatórios da Comissão Nacional da Verdade. Recentemente parte da usina foi destruída, concretizando mais uma marca de apagamento da memória. Escrevi um pouco sobre esta história em um texto que intitulei “Palavras para um memorial”.

6. *Você nos diz que, no Brasil, o sangue é rapidamente apagado e, em contraposição, afirma que é preciso “recuperar os espaços de sombra, dos que ficaram sem palavras, mudos, excluídos, invisíveis, expulsos de um mundo que tenta impor suas formas totalitárias de viver”. Em sua opinião, o que sustenta essa lógica de funcionamento social que necessita consolidar o apagamento da própria história?*

Esta é uma pergunta importante, mas difícil de responder pois ainda precisamos saber mais sobre esta história. Certamente nesta disputa pelas versões da história há a força da classe dominante economicamente que busca sempre o poder e vive, como sabemos, da exploração que instituem a séculos à grande parte da população. Este cenário ainda não mudou muito. O Brasil é um dos países com a maior desigualdade social no mundo. Ainda vamos precisar de muito trabalho para que possamos, finalmente, desmontar esta máquina de moer carne em que milhares se oferecem como matéria prima. Algumas luzes têm surgido no horizonte e desejo que os movimentos sociais possam fazer valer sua força e, assim, possamos

construir destas terras um país mais digno para se viver, onde a vida seja possível para todos.

*As próximas questões referem-se a um posicionamento mais pessoal, fique à vontade para optar por não as responder:

7. *Considerando o poder da palavra bem-dita, que restitui o real da experiência, quais significantes você escolheria para contornar este momento que se atravessa individualmente e socialmente?*

Para mim, uma das palavras chaves é esperança. Quando perdemos a esperança perdemos tudo, pois nos entregamos passivamente as lógicas de vida que nos são impostas. A desesperança encontra sempre suas razões, mas ela é passiva, triste, pobre e alimenta o furor dos tiranos. Penso aqui no sentido que dá Ernst Bloch a este termo, ou seja, pensar a esperança como uma espera ativa, que possa abrir espaço para o pensamento, para o sonho, para novos futuros, para utopias. Como escreveu Emil Cioran: “Uma sociedade sem utopias está condenada a esclerose e a ruína”.

8. *Além disso, gostaríamos de te propor a pensar se houve algo de inédito que lhe aconteceu nesse espaço-tempo atípico de pandemia que você gostaria de compartilhar? Seja na experiência de vida ou na escuta clínica.*

Cada dia trouxe sua surpresa. O trabalho como psicanalista nos abre diariamente este mundo de imagens e palavras que se dobram dentro de cada um de nós e que é só falando que temos a noção de que existem. Nesta pandemia me envolvi, por exemplo, com um projeto junto com alguns colegas de recolher sonhos da pandemia. Nomeamos este trabalho de Inventário de Sonhos. Já recebemos

mais de 1200 sonhos e em breve vamos tornar público este acervo pois será uma espécie de cartografia subterrânea deste tempo que vivemos. Em cada sonho, algo inédito. Uma imagem que me comoveu especialmente aconteceu em um domingo em minha casa, logo no início da pandemia, em que minha filha Alice me chama na janela para ver um senhor carregando um carrinho onde recolhia lixo seco. Ele usava máscara em um momento em que muitos ainda não tinham adquirido o hábito. Aquela cena me deu esperança, pois percebi que o homem mesmo em seu trabalho difícil e precário, tendo que estar na rua para seu sustento, tinha o cuidado com sua saúde. A cena é singela, mas seu significado imenso. Pois uma mudança neste país só vai acontecer quando todos abrirem espaço para conceberem estes cuidados com o que temos de mais precioso: nossa vida.

9. Para encerrar, queremos propor uma dinâmica diferente, com um espaço para que você elabore uma pergunta que gostaria de fazer a você mesmo e/ou, a nós. Fique à vontade para responder também, se desejar.

Excelente ideia! Assim posso mudar de posição e ser aquele que pergunta. Pergunto então a vocês: que leitura recomendariam das que fizeram neste tempo de pandemia e por quê? Como estamos aqui no universo do texto, imagino que eu e vocês acreditamos que a leitura ainda pode nos abrir alguma esperança de novos tempos. Vou ficar aguardando a resposta.

Vitória: Edson, é com muita emoção que entro em contato com suas respostas à essa entrevista que eu e Gilvan fizemos com tanta implicação, afeto e reconhecimento pelas tuas palavras. Diante da tua provocação, principalmente em relação à pergunta anterior quando você fala do seu envolvimento com os sonhos das pessoas

na pandemia, vou subverter a indicação de uma leitura e lhe contar um sonho que tive há cerca de duas semanas atrás e que encerra minha dissertação de mestrado – a qual estou terminando neste momento – sobre o sistema prisional brasileiro.

“Sonhei que estava em um quarto confortável com muitas pessoas e havia um desespero no ar, posto que sabíamos que algumas pessoas estavam chegando para nos matar. Nesse sonho, quando escutei o barulho dos assassinos se aproximando, escondi-me agilmente embaixo da cama e logo em seguida o quarto foi violentamente invadido e um tiroteio se armou. Quando senti que estavam se aproximando de meu esconderijo e que não havia como resistir, comecei um diálogo interno comigo mesma aceitando a morte. Fechei os olhos e senti-me ser perfurada por muitos tiros no rosto. A dor era ardente! Enquanto o resto do quarto era fuzilado, aos poucos comecei a perceber que, contrariando as leis do corpo biológico, eu estava sobrevivendo. Passado o caos, saí debaixo da cama e vejo algumas pessoas vivas, outras mortas... e a porta do quarto escancarada. Era um cenário estranho e eu sentia que precisava esconder-me para que aqueles que tentaram me matar não me encontrassem viva novamente. Ao mesmo tempo, reinava o medo e a curiosidade de, tendo permanecido viva, olhar-me no espelho e enxergar os furos que exibiriam minha carne exposta. Não resisto e passo por um espelho e me olho de relance, evitando um encontro brusco comigo mesma que pudesse me assustar, o que enxergo? cascas rondando e cicatrizando minha cara esburacada em uma velocidade que considere desumana. “A bala” que atravessou meu rosto provocava-lhe uma regeneração potente! Rápida! Quase humanamente impossível!”

Esse sonho teve suas consequências para pensar os movimentos realizados em minha dissertação, a qual lhe convido a ler, se desejar. No entanto, me parece

que no contexto desta entrevista ele também tem um lugar potente. Mantermo-nos vivos, mesmo diante de tantos tiroteios – ainda que escondidos, resistindo nos escombros – é uma surpreendente forma de entrar em contato com a potência da regeneração humana que, esburacada e cheia de cascas, inscreve no próprio corpo sua memória. Que “a bala” da arma, possa ser transfigurada para a possibilidade de “abalarmos” estas estruturas caóticas que nos mortificam!

Gilvan: Primeiro eu gostaria de agradecer a sua colaboração, Edson, que possibilitou reflexões indiscutivelmente importantes para o momento que vivemos. Como resposta à divertida provocação que você nos fez, considero oportuno destacar a obra da jornalista Eliane Brum, que tem como título “A vida que ninguém vê”. Este livro, que recebeu o prêmio Jabuti no ano de 2007, indiretamente trata de algo que é constituinte na teoria psicanalítica: a escuta. Para produzir as reportagens que compõe esta obra, Eliane circulou pelas ruas de Porto Alegre em busca de personagens que, pelo crivo da mídia tradicional, nunca se tornariam notícia. A cada página, o descaso com as minorias, algo histórico em nosso país, vem à tona. Abandono, miséria, violência física e psicológica, preconceito racial e social formam biografias tão reais que parecem ficção. Este livro é, sem dúvidas, um memorial sobre aqueles que seguimos sem escutar em nosso país, naturalizando tudo que, outrora, combatemos apenas no campo das ideias. Nós, do círculo acadêmico, somos privilegiados pela oportunidade de estarmos aqui debatendo. Que a nossa escuta possa ir para as ruas, como nos ensina Eliane, horizontalizando o diálogo e promovendo a verdadeira mudança social. Tudo começa por uma escuta diferenciada e aí, podemos rememorar que esta foi a principal atitude do pai da psicanálise, há mais de um século atrás.

ACONTECEU EM 2020

PROJETOS DE EXTENSÃO:

“ATENDIMENTO E TRATAMENTO PSICOLÓGICO À COMUNIDADE”

Desde março de 2020, devido às restrições impostas pela pandemia por COVID-19, houve uma mobilização das psicólogas técnicas-administrativas que compõem o Núcleo de Psicanálise da CEIP, em parceria com a Coordenação do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSM, a fim de readequar as ações do Projeto de Extensão “Atendimento e Tratamento à Comunidade”, a fim de permitir a inserção e a prática de acolhimento, atendimentos e tratamentos psicológicos de modo remoto. Com a permissão de consultas online, até agosto, apenas para profissionais cadastrados na plataforma E-psi do Conselho Federal de Psicologia, a oferta de escuta a uma parcela da comunidade que se encontrava desassistida teve lugar através deste projeto, cumprindo um compromisso ético-político, inerente à clínica em contextos públicos. Ainda, configurou-se como uma oportunidade aos pós-graduandos em psicologia da instituição para experienciar a escuta clínica, amparados por supervisões ofertadas pelas psicólogas do Núcleo de Psicanálise, expandindo o espaço de formação acadêmica para práticas de escuta psicossocial. Reconheceu-se, também, a importância de incluir os graduandos nesse processo formativo, no que o projeto contou com a possibilidade de participação dos mesmos nos espaços de supervisão clínica remota, em formato de grupo. Resultando em efeitos potentes no que diz respeito à transmissão da experiência clínica e ao amadurecimento da escuta proporcionados pelas discussões coletivas dos casos em andamento, o projeto teve efeitos produzidos tanto a nível individual, quanto institucional, ao longo dos seus sete meses de execução em contexto pandêmico.

“INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL COM IMIGRANTES E REFUGIADOS”

O projeto de extensão “Intervenção Psicossocial com Imigrantes e Refugiados” é um dos três projetos que integram as ações de extensão do Núcleo de Psicanálise. Ele tem origem na parceria interna com o MIGRAIDH - Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional, responsável pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello da UFSM, a qual representa uma parceria da universidade com a Agência da ONU para os Refugiados (ACNUR) para a promoção e difusão do Direito Internacional dos Refugiados. Através de suas ações, oferta escuta clínica para imigrantes e refugiados e contribui para o fomento da rede de atenção sustentada pelo MIGRAIDH. No ano de 2020, mesmo diante do contexto pandêmico, foi possível manter em tratamento psicológico os imigrantes que vinham sendo atendidos desde 2019, bem como acolher sujeitos interessados na escuta especializada, tanto na modalidade online, quanto presencial. Além disto, os extensionistas que atuam no projeto encontraram-se quinzenalmente para supervisões das ações, bem como integraram a linha de pesquisa do CNPQ Psicanálise e Migrações: Efeitos clínico-políticos dos deslocamentos, como formas de subsidiar teoricamente o trabalho empreendido. Ainda, participaram das Rodas de Conversa extensionistas, espaço organizado pelo MIGRAIDH e ofertado ao Comitê dos Imigrantes da UFSM, junto de profissionais da psicologia. Os encontros tiveram como objetivo dialogar acerca de temas como: acolhimentos na rede, saúde mental em tempos de pandemia e política de ingresso dos imigrantes. Ocorreram quinzenalmente e na modalidade on-line, tendo como um dos efeitos a circulação da palavra dos imigrantes e consequentes construções singulares de cada participante.

“EVENTOS CLÍNICOS”

13º ENCONTRO CLÍNICO - “UMA DOR SEM NOME: PALAVRA, MEMÓRIA E UTOPIA”

No dia 25 de junho de 2020 foi realizado o 13º Encontro Clínico: “Uma dor sem nome: palavra, memória e utopia”, com o psicanalista Edson Sousa. Edson é professor titular do Instituto de Psicologia UFRGS, analista membro da APOOA, doutor e pós-doutor pela Universidade de Paris VII e EHESS (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais) – Paris. O trabalho de sua autoria, intitulado “Por uma estética do atrito – a função utópica de um memorial”, foi recentemente lançado na Revista de Comunicação e Linguagem da Universidade Nova de Lisboa – Portugal, e seu conteúdo serviu como base para as discussões deste Encontro Clínico. Este evento foi pensado a partir das demandas de promover um espaço de circulação da palavra frente ao panorama inédito que estamos vivenciando – a pandemia pela COVID-19. As contra-imagens, narrativas e respiros de arte trazidos pelo psicanalista fizeram-se imprescindíveis para podermos resgatar questões sobre memória e sobre utopia. O evento ocorreu no formato virtual, na plataforma Google Meet, e foi transmitido ao vivo pelo Farol UFSM. Contamos com a participação de aproximadamente 350 participantes.



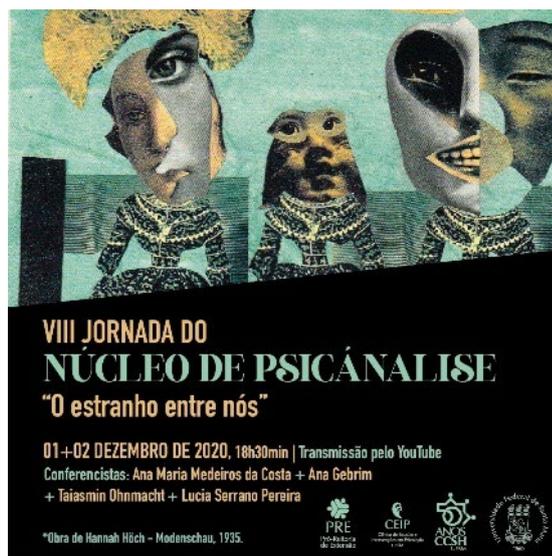
14º ENCONTRO CLÍNICO – “A DIREÇÃO DO TRATAMENTO NA CLÍNICA DAS PERVERSÕES”

No dia 23 de setembro de 2020 foi realizado o 14º Encontro Clínico: “A direção do tratamento na clínica das perversões”, com o Psicanalista e atual presidente da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Norton Cezar Dal Follo Jr. O evento teve como proposta o lançamento de seu livro “Perversões: o desejo do analista em questão”, que inicialmente iria acontecer em março e teve de ser adiado devido a pandemia do Coronavírus. O evento aconteceu no formato virtual e foi transmitido ao vivo pelo Farol UFSM. Participaram da discussão a psicanalista, membro da APPOA, Silvia Ferreira e a acadêmica e estagiária, Luiza Pires Roos.



VIII JORNADA DO NÚCLEO DE PSICANÁLISE – “O ESTRANHO ENTRE NÓS”

Nos dias 1 e 2 de dezembro de 2020 aconteceu VIII Jornada do Núcleo de Psicanálise “O estranho entre nós”, a qual foi articulada a partir desse significante – “Estranho” - o qual vem sendo utilizado para dar notícias do atual contexto clínico, político, estético e ético. Participaram da primeira noite deste evento a psicóloga, psicanalista e escritora Taismin Ohnmacht com a fala intitulada “A experiência racializada do Estranho em Neusa Santos Souza e Isildinha Baptista Nogueira”, e a psicanalista Ana Gebrim com o trabalho “O analista descobrir do próprio íntimo”. Na segunda noite, contamos com a presença da psicanalista, membro da APPOA, Lucia Serrano Pereira, que intitulou o seu trabalho como “O estranho – figurações do pesadelo”, e com a psicanalista Ana Costa (APPOA), abordando a temática “O estranho e o medo”. Além disso, compuseram as mesas de debate os acadêmicos extensionistas do projeto “Eventos Clínicos”. O evento foi transmitido pelo canal do Núcleo de Psicanálise no Youtube.



ESPAÇOS DE ESTUDOS:

**SEMINÁRIO DE PSICANÁLISE
“O INCONSCIENTE”**

Com o intuito de ampliar e de promover espaços de discussões e de reflexões, o Núcleo de Psicanálise/CEIP, em conjunto com Luis Fernando Lofrano de Oliveira (Psicanalista, membro da APOA), desenvolveu uma atividade continuada de estudos a partir da leitura do texto de Freud (1915), “O Inconsciente”. A atividade aconteceu semanalmente, do final de outubro a dezembro, com encontros pela plataforma Google Meet, tendo sido endereçada a quem experiencia a clínica e aberta à participação de quem se interessa por psicanálise.



SEMINÁRIOS TEÓRICO-CLÍNICOS

No decorrer deste ano atípico, foram organizados espaços de Seminários Teórico - Clínicos, destinados aos estagiários e extensionistas do Núcleo de Psicanálise, que ocorreram via Google Meet. Do dia 01 de setembro de 2020 até 02 de fevereiro de 2021 esse espaço foi sustentado pelo desejo e implicação dos estagiários em parceria e troca com os profissionais convidados para compor as discussões. Abaixo, a programação das atividades que ocorreram no decorrer do semestre 2020.2:

DATA	TÍTULO	PROFISSIONAL CONVIDADO
01/09/20	"Escuta Clínica em Tempos de Pandemia"	Aline Jordão, Amanda Pereira e Gabriela Guerra
08/09/20	"Escuta Clínica em Tempos de Pandemia"	Aline Jordão, Amanda Pereira e Gabriela Guerra
15/09/20	"Clínica das Perversões"	Aline Jordão, Amanda Pereira e Gabriela Guerra
22/09/20	"Clínica das Perversões"	Aline Jordão, Amanda Pereira e Gabriela Guerra
06/10/20	"Toc, Toc, Toc... - Posso entrar? - Questões sobre o início do tratamento com crianças na clínica psicanalítica"	Laura Prochnow
13/10/20	"A constituição do infantil na obra de Freud"	Luís H. Ramalho Pereira
20/10/20	"Que queres tu de mim?"	Luciana Portella
27/10/20	"Notas sobre trauma, testemunho e memória",	Ariadini de Andrade
03/11/20	"Entre perdas e delusões: vivências de um momento histórico na clínica psicanalítica"	Daiane Maldaner

10/11/20	"Valor de transitividade: uma indicação freudiana para a clínica psicanalítica"	Guilherme La- cerda
17/11/20	"Considerações sobre virtualidade em psicanálise e a tela plana"	Vanessa Solis Pereira
24/11/20	"Lugar do analista"	Manoela Ludtke
15/12/20	"Estruturas psíquicas e o diagnóstico em psicanálise"	Walter Cruz
05/01/21	"Pais no tratamento psicanalítico de crianças: enlaçando a teoria com a prática clínica"	Carina Chi- mainski
12/01/21	"Questões à prática analítica na clínica contemporânea"	Marcos Pippi
19/01/21	"Considerações sobre memória em Psicanálise"	Márcia Alves
26/01/21	"A fórmula da fantasia"	Sílvia Ferreira
02/02/21	"Figurações da Transferência"	Volnei Dassoler

PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS:

35º JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA (JAI)

No mês de outubro de 2020 os bolsistas Letícia Bueno Pires e Thales Lindenmeyer participaram da 35º JAI - UFSM, representando o Núcleo de Psicanálise. Os trabalhos intitulados "Eventos Clínicos: a palavra em circulação" e "Atendimento e tratamento psicológicos na CEIP em contexto pandêmico" foram respectivamente orientados por Aline Bedin Jordão e Amanda Schreiner Pereira. O primeiro teve como objetivo abordar a importância dos eventos clínicos e o alcance das ações desenvolvidas pelo Projeto "Eventos Clínicos", bem como as temáticas trabalhadas, as instituições parceiras, os objetivos, os resultados, as limitações e as modalidades de eventos, além do levanta-

mento dos eventos realizados desde 2010 pelo Núcleo. Já o último, buscou avaliar os resultados preliminares das ações desenvolvidas pelo projeto de extensão "Atendimento e Tratamento Psicológico à Comunidade" frente ao contexto da pandemia da COVID-19.

JORNADA DE PESQUISA E EXTENSÃO 2020 – SABERES: FORTALECENDO LAÇOS ENTRE AS CIÊNCIAS

A acadêmica Letícia Bueno Pires, bolsista FIEX 2020 do Projeto de Extensão "Eventos Clínicos", representou o Núcleo de Psicanálise na Jornada de Pesquisa e Extensão - Saberes: fortalecendo laços entre as ciências, realizada nos dias 14 a 17 de outubro, organizado pela ULBRA Santa Maria. Sob orientação da Psicóloga Aline Bedin Jordão, apresentou o trabalho intitulado "Interlocução Psicanalítica: espaços formativos". Nesta oportunidade, foi debatido sobre o processo formativo no contexto dos eventos clínicos promovidos pelo Núcleo de Psicanálise/CEIP, pautando a relevância destas atividades articuladas ao tripé ensino-pesquisa-extensão.

6º FÓRUM REGIONAL PERMANENTE DE EXTENSÃO

O Projeto de Extensão "Eventos Clínicos" foi representado pela bolsista FIEX 2020, Letícia Bueno Pires, durante o VI Fórum Regional Permanente de Extensão – Edição Campus Sede, organizado pela UFSM, realizado no dia 10 de novembro, sob orientação da Psicóloga Aline Bedin Jordão. A fim de remodelar os investimentos para o ano de 2021, o evento objetivou demonstrar as ações extensionistas que estão sendo desenvolvidas na Universidade. Nesta ocasião, a acadêmica apresentou as atividades desenvolvidas pelo projeto e os efeitos das ações do projeto a todo o público envolvido.

38º SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL – SEURS

Baptista Nogueira, Radmila Zygouris, Grada Kilomba, Jutta Prasse, Ana Costa, Ana Gebrin, Charles Melman.

A bolsista-extensionista Luiza Pires Roos, também estagiária do Núcleo de Psicanálise, apresentou no dia 19 de novembro o trabalho “Demandas escolares para escuta psicológica: um relato de experiência”. O trabalho foi orientado por Amanda Schreiner Pereira e Gabriela Oliveira Guerra, com co-autoria de Rafaela Monçalves, numa tentativa de questionar as demandas e a posição da criança frente às queixas escolares e as implicações em sua permanência no acompanhamento psicológico.

LINHA DE PESQUISA:

“PSICANÁLISE E MIGRAÇÕES: EFEITOS CLÍNICO-POLÍTICOS DOS DESLOCAMENTOS”

Durante o ano de 2020, a linha de pesquisa “Psicanálise e Migrações: Efeitos clínico-políticos dos deslocamentos” desenvolveu estudos que subsidiaram, na área da psicologia, as ações extensionistas decorrentes da parceria interna entre o Núcleo de Psicanálise, através do projeto Intervenção Psicossocial com Imigrantes e Refugiados, e o MIGRAIDH. Tendo como objetivo analisar os efeitos clínicos e políticos dos deslocamentos dos sujeitos em situação de migração, compôs uma das seis linhas de trabalho do grupo de pesquisa do CNPQ “Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional”. Seus participantes reuniram-se quinzenalmente, percorrendo estudos, leituras e trocas a partir de autores de referência na articulação entre psicanálise e temáticas acerca das migrações e do racismo no Brasil. Dentre as referências, destacaram-se: Caterina Koltai, Frantz Fanon, Maria Aparecida Silva Bento, Djamilia Ribeiro, Isildinha